

Das margens ao centro – “A normalização sem vergonha”¹

*Transforming Marginalised Politics into Mainstream Agenda –
“Shameless Normalisation”*

*Transformando la política marginada en una agenda mainstream:
“Normalización sin vergüenza”*

Ruth WODAK²

Resumo

Esta contribuição discute a evidente virada à direita do cenário partidário austríaco, que se tornou clara nas eleições nacionais de 15 de outubro de 2017. Um processo de *normalização*, assim se pressupõe, condiciona uma adaptação à agenda parcialmente de extrema direita dos partidos populistas e leva a um foco na política de migração e de refugiados. Na tentativa de definir claramente o fenômeno “populismo de direita”, será ilustrada em detalhes a “*destabuização*” *sem vergonha* de conteúdo e declarações de extrema direita antes tabuizados, tomando como exemplo a aproximação entre o novo Partido Popular Austríaco (ÖVP) e o Partido Austríaco da Liberdade (FPÖ).

Palavras-chave: Normalização; Populismo de Direita; Estudos de Discurso; Ideologia; “Pós-vergonha”.

Abstract

In this paper, I discuss the swing to the (far-)right in (Austrian) party politics during the election campaign and national election on October 15, 2017. This transformation is caused, I claim, by a process of normalisation, an accommodation to the, sometimes also extreme-right, agenda of formerly right-wing populist parties such as the Austrian Freedom Party (FPÖ). The election campaign of both the Austrian People’s Party (ÖVP) and the FPÖ focussed primarily on migration and refugee politics, based on a politics of fear and resentment. After first attempting to define the phenomenon of right-wing populism, I trace how tabooed and extreme right contents slowly became

¹ A primeira versão deste artigo foi publicada na revista *Politische Vierteljahresschrift* 59, p. 323-335 (2018).

² Professora emérita da Universidade de Lancaster, Reino Unido. E-mail: r.wodak@lancaster.ac.uk. ORCID: 0000-0001-5327-5559



acceptable, as soon as the ÖVP shamelessly integrated some (not all) aspects of the FPÖ's election program.

Keywords: Normalisation; Right-wing Populism; Discourse Studies; Ideology; “Post-shame”.

Resumen

En este documento, discuto el giro hacia la (ultra) derecha en la política partidista (austriaca) durante la campaña electoral y la elección nacional del 15 de octubre de 2017. Sostengo que esta transformación es causada por un proceso de normalización, una adaptación a la agenda, a veces también extrema derecha, de los partidos populistas de derecha anteriormente, como el Partido de la Libertad de Austria (FPÖ, por sus siglas en alemán). La campaña electoral tanto del Partido Popular Austriaco (ÖVP) como del FPÖ se centró principalmente en la política de migración y refugiados, basada en una política de miedo y resentimiento. Después de intentar definir el fenómeno del populismo de derecha, rastreo cómo los contenidos de derecha, anteriormente tabúes y extremos, se volvieron aceptables cuando el ÖVP integró sin vergüenza algunos (no todos) los aspectos del programa electoral del FPÖ.

Palabras clave: Normalización; Populismo de Derecha; Estudios del Discurso; Ideología; “Post-vergüenza”.

Normalização à direita

Esta contribuição discute a evidente virada à direita do cenário partidário austríaco, a “destabuização” e a aceitação de conteúdos e formas de expressão antes tabuizados. Isto eu chamo de “normalização”. Esta normalização acontece, como se pode observar, com uma certa “falta de vergonha”. De acordo com isso, de um lado os limites do que se pode falar se movimentam tanto no sentido da frequência de mentiras e do questionamento e quebra de convenções do discurso, quanto em relação aos ataques recorrentes a instituições centrais da democracia, como a mídia e a Justiça. Primeiro, será descrito como o partido conservador austríaco (ÖVP) se normalizou como um partido populista de direita e adota temas como propostas do partido extremista de direita FPÖ. Depois disso, eu apresento a definição de trabalho do conceito “populismo de direita”. Na terceira parte, alguns exemplos da política austríaca “dos bastidores para o palco” de 2017/2018 demonstram o entrelaçamento da normalização com a falta de vergonha.

Partindo das considerações de Jürgen Link (2013) sobre o conceito de Normalismo, Margaret e Siegfried Jäger (2007) se voltam para uma movimentação dentro do cenário político por meio de uma “normalização do que não é normal”.



Sobretudo, a normalização da avaliação de imigrantes como ameaça da segurança interna e como sobrecarga do Estado do bem-estar social e do sistema de educação pode ser observada como um desenvolvimento transnacional (WODAK, 2015a; 2015b; RHEINDORF, 2017).

Nas eleições parlamentares de 15 de outubro de 2017, também ocorreu uma normalização como esta: o ÖVP (chamado agora de “Lista Sebastian Kurz – O novo partido popular”, que mudou a sua cor de preto para turquesa) concentrou-se quase exclusivamente no tema imigração (igualando refugiados com os chamados “imigrantes ilegais”³) e prometeu fechar a rota do Mediterrâneo, reduzir a previdência básica legal (para refugiados, mas também para outros necessitados) e diminuir o limite máximo de 37.500 candidatos a exílio acordado legalmente para zero (embora o número de recém-chegados tenha reduzido consideravelmente em 2015)⁴. Com isso, o novo chefe de partido assumiu em primeiro de julho de 2017 quase *ipsis literis* ao programa do que eu afirmo ser o partido de extrema direita FPÖ.

Como Hans-Hennig Scharsach (2017) demonstra claramente no seu livro “A tomada de poder silenciosa” (*Stille Machtergreifung*), as estruturas do FPÖ mudaram desde 2005, sob a direção de Heinz-Christian (HC) Strache, e cada vez mais se encaminha em uma direção de extrema direita⁵. *Burschenschaft*⁶, que duelam uns contra os outros praticamente, assumiram o FPÖ [...] e só representam um total de 0,4% da população austríaca, como Hans Rauscher constatou de forma pontual:

Strache, Hofer, Stefan, Gudenus e Haimbuchner formam a direção nacional do FPÖ, ou seja, a sua instância mais alta. Eles pertencem todos a *Burschenschaften* [...] A cúpula do FPÖ consiste 100% de “Alemannen”, “Marko-Germanen” e “Vandalen”⁷ (RAUSCHER, 2017, online)⁸.

³ Compare a terceira parte do programa eleitoral do ÖVP sobre ordem e segurança: <https://secure.sebastian-kurz.at/ordnung-und-sicherheit/&usg=ALkJrhin9CszbrBosNM3hlNFAoppXPMGqwRegierungsprogramm> Acesso em: 10 mar. 2018.

⁴ Cf. <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/293189/umfrage/asylantraege-in-oesterreich/> Acesso em: 11 Dez. 2023.

⁵ Cf. Pfahl-Traughber (2015, p.75–81) sobre a diferença entre extremismo de direita, de esquerda e extremismo religioso.

⁶ *L.S.*: “*Burschenschaft*” significa conjunto de “*Burschen*”. “*Bursche*” era o nome antigamente dado aos estudantes na Alemanha. Hoje em dia, “*Burschenschaften*” são ligas nacionalistas e conservadoras de estudantes. Quase todas só aceitam homens. As *Burschenschaften* se tornaram famosas pelas suas ligações com organizações de extrema direita.

⁷ Nomes dos membros das *Burschenschaften* “*Alemannia*”, “*Marko-Germania*” e “*Vandalia*”.

⁸ Sobre a história e o desenvolvimento do FPÖ, veja Manoschek (2002), Rheindorf e Wodak (2018), bem como Wodak e Rheindorf (2018).



A maior parte das *Burschenschaften*, segundo Rauscher (2017), apoia características essenciais do extremismo de direita, como o antiliberalismo, o princípio do Führer e da obediência, uma comunidade nacional étnica (“*Volksgemeinschaft*”), o antifeminismo e o racismo.

A fomentação de ressentimentos e medos por Kurz e Strache foi bem-sucedida⁹: tanto o novo ÖVP, conservador nacional (populista de direita), ganhou 4,7% desde 2017 e alcançou o primeiro lugar com 31,5% (*dos votos, L.S.*), quanto o terceiro colocado, FPÖ, aumentou em 5,5%, alcançando 26%¹⁰. Por conta da grande semelhança programática entre FPÖ e ÖVP, logo começaram as negociações para uma coalizão. O então novo governo azul-turquesa foi juramentado pelo presidente Alexander Van Der Bellen em 18 de dezembro de 2017, sob protestos contundentes¹¹. O ÖVP conseguiu, portanto, conquistar o cargo de chanceler sob o novo presidente. Mas, a que custo?¹²

A adoção de agendas populistas de direita pelo ÖVP implica uma virada evidente à direita (desenvolvimentos semelhantes também podem ser observados em outros Estados da União Europeia), uma desistência integral dos valores cristão-sociais e de uma, até então, clara posição pró-europeia. Alguns políticos do FPÖ questionam os direitos humanos válidos, mas isso não parece incomodar¹³.

Diferentemente do ano 2000, quando a primeira coalizão “preto-azul” na Áustria foi confrontada com crítica veemente nacional e internacionalmente e, em consequência disso, sanções foram levantadas contra esse governo na União Europeia (WODAK; PELINKA, 2002), desta vez foi a sociedade civil que entonou altamente o

⁹ É impossível descrever aqui em detalhes uma campanha eleitoral complexa marcada por escândalos (midiáticos), panes, rumores e, em parte, por tramas criminosas. Aqui trata-se muito mais de compreender a virada do discurso hegemônico das práticas aceitas por conta de uma adaptação “bem sucedida” e adoção de conteúdos e retóricas populistas e extremistas de direita.

¹⁰ Para mais informações, cf: <http://www.spiegel.de/politik/ausland/oesterreich-alle-ergebnisse-dernationalratswahl-2017-a-1172061.html> Acesso em: 15 Dez. 2023.

¹¹ Cf. <https://derstandard.at/2000070495198/regierungsprogramm-oevp-fpoe-kurz-stracheueberblick-analyse> ; <https://derstandard.at/jetzt/livebericht/2000070552695/koalition-liveticker-neue-oevp-fpoe-regierung-angelobt-tausende-bei-protesten-in-Viena> Acessos em: 15 Dez. 2023.

¹² Cf. <http://www.sueddeutsche.de/politik/seite-drei-ueber-den-wahlausgang-in-oesterreichkuess-die-hand-1.3710650?reduced=true> Acesso em: 15 Dez. 2023.

¹³ Compare o volume de comentários em jornais nacionais e internacionais: <https://www.welt.de/politik/ausland/article169657614/Klarer-Rechtsruck-in-Oesterreich-Kurz-mit-OEVP-vorne.html> Acesso em: 15 Dez. 2023; <https://www.zdf.de/nachrichten/heute/konservative-oevp-gewinnt-wahl-in-oesterreich-rechtsruck-zu-100.html>; <https://www.stern.de/news/rechtsruck-in-oesterreich-nach-wahlsieg-der-oevp-und-starkem-abschneiden-der-fpoe-7661374.html>; https://www.nytimep.com/interactive/2016/05/22/world/europe/euoperight-wing-austria-hungary.html?_r=0 Acesso em 17 Out. 2017.



descontamento sobre a entrada de 21 *Burschenhafter* como parlamentares do FPÖ e a ocupação de ministérios com políticos de extrema direita.

O (*então, L.S.*) novo presidente Alexander Van der Bellen, juramentado em 26 de janeiro de 2017, denominou já no começo alguns membros do FPÖ como “não-ministeriáveis” (como o vice-prefeito de Viena Johann Gudenus, sem pasta, e o deputado no Congresso Europeu Harald Vilimsky) e resistiu com sucesso contra a ocupação dos ministérios do Interior e da Justiça por ministros do FPÖ. Ele também impôs a transferência da agenda da União Europeia do Ministério das Relações Exteriores, ocupado pelo FPÖ, para a secretaria da chancelaria de Kurz.

Apesar disso, Van der Bellen juramentou a coalizão azul-turquesa, embora tenha assegurado repetidamente o contrário durante a sua campanha eleitoral para presidente¹⁴.

O que é “populismo de direita”?

Não há uma resposta simples e clara sobre o que “é” populismo de direita. Pelo contrário, a quantidade de monografias, coletâneas, capítulos de livros e artigos em revistas publicados recentemente mostra que cientistas de diferentes disciplinas não são uníssonos, tanto sobre a existência do fenômeno “populismo de direita” quanto como ele deve ser definido, sobretudo quanto aos limites a outras ideologias e movimentos sociais como extremismo de direita, “*alt-right*”, populismo, fascismo e populismo de esquerda.

Mais do que isso: o populismo é uma ideologia (*thin* ou *thick*; KRIESI; PAPPAS, 2015, p.5), uma filosofia (PRIESTER, 2007, p.9), um fenômeno midiático específico (PAJNIK; SAUER, 2017) ou um estilo político (MOFFITT, 2017), que se manifesta sobretudo de forma performativa e comunicativa.

No prefácio do seu livro *Handbook of the Radical Right* (2017, p.1–2), Jens Rydgren afirma que o conceito de “populismo de direita” é obsoleto. Trata-se muito mais de partidos etnonacionalistas que, todos incluídos, também possuem um elemento populista:

Partidos e movimentos radicais de direita compartilham uma ênfase no etnonacionalismo enraizado em mitos sobre o passado. Seus programas são diretamente voltados para o fortalecimento da nação ao

¹⁴ <http://www.bundespraesident.at/aufgaben/aufgaben-und-rechte/> Acesso em 30 Nov. 2017; Sobre as exigências de Vander Bellen com relação à participação do FPÖ no governo cf. https://diepresse.com/home/politik/innenpolitik/4828916/Van-der-Bellen_Wuerde-FPOegefuhrte-Regierungnicht-angeloben Acesso em: 11 Dez. 2023.



torná-la mais homogênea etnicamente e – para a maior parte dos partidos e movimentos radicais de direita – ao retornar aos valores tradicionais. Eles também tendem a ser populistas, acusando elites de colocar o internacionalismo à frente da nação e de colocar os seus interesses estritamente pessoais e vários interesses especiais à frente dos interesses do povo (RYDGREN, 2017, p.1-3).

Ao contrário destes partidos etnonacionalistas, os partidos de extrema direita se caracterizam pela rejeição do sistema democrático e de suas instituições. No entanto, segundo Rydgren (2017), às vezes os limites entre partidos etnonacionalistas e de extrema direita se tornam difusos. Benjamin van de Cleen (2017, p.8) vai em uma direção parecida.

Rogers Brubaker (2017) se posiciona em um oposto drástico a este aporte e entende populismo como um “repertório estilístico e discursivo”. Ele foca nas similaridades estilística, retóricas e discursivas, que, na sua opinião, caracterizam todos os movimentos e partidos populistas. Isto seria parte de uma “virada estilística e discursiva” grande e abrangente (BRUBAKER, 2017, p.3).

Entre esses dois extremos encontramos outras definições, que vou descrever abaixo. Mas, como uma pesquisadora de discurso, é importante para mim acentuar que – ao contrário de Brubaker – o populismo de direita não deve ser tratado só como um estilo retórico ou puramente um fenômeno midiático (embora a encenação midiática não deva naturalmente ser subestimada; JANUSCHEK; REISIGL, 2014). Os *conteúdos ideológicos* são decisivos. De fato seria, de acordo com o cientista de cultura Dick Pels (2012, p.32), “falso pensar que não há substância atrás deste estilo político [...]”. A política populista na democracia midiática de hoje alcançou uma posição de liderança entre os eleitores exatamente pela mistura dinâmica de conteúdo e forma.

Se acompanharmos os vários debates na pesquisa sobre populismo, somos confrontados com discussões acaloradas: populismo ou populista como um conceito vago na linguagem cotidiano, inflacionariamente utilizado e negativo, como um elemento necessário para o fortalecimento da democracia (LACLAU, 2005) ou como uma agenda que causa danos e ameaça a democracia (BISKAMP, 2017; GRABBE; LEHNER, 2017). Outras discussões são feitas sobre o apelo destes partidos: a quem agradam os programas, posteres, frases de efeito e slogans, os tipos de textos de campanha dos partidos populistas de direita que são divulgados por meio de muitas e diversas mídias tradicionais, assim como por meio das mídias sociais? São sobretudo homens ou também há mulheres? Os eleitores e as eleitoras vêm majoritariamente da



classe média (como alguns afirmam) ou de todas as classes sociais e grupos de idade (como outros afirmam)? Ou, em vez disso, das camadas sociais com menor escolaridade, ou seja, trabalhadoras (SORA, 2017¹⁵)? Neste contexto, afirma-se obviamente se posições políticas tradicionais como “esquerda” ou “direita” estão ultrapassadas (KRASTEVA, 2017).

Além disso, há uma diferença histórica e contextual entre os partidos populistas de direita dos países do ex-bloco oriental e a Europa ocidental, entre o rico Norte e o pobre Sul, entre países com um passado fascista e colonial e aqueles sem este desenvolvimento, entre Estados pequenos, como os da Suíça, Dinamarca e Áustria, e os grandes, como a Alemanha e a França?¹⁶ É claro que há mais critérios. Há, é claro, mais questões relevantes, que não podem ser tratadas aqui por questão de espaço (STAVRAKAKIS, 2017).

De volta a uma definição possível de populismo de direita: trata-se, segundo Cas Mudde e Cristobal Rovira Kaltwasser, de uma ideologia fina, que se concretiza em diversas práticas materiais e discursivas. Mudde e Kaltwasser (2017, p.9–12) apontam para três parâmetros: primeiro, a oposição entre um “povo” e uma “elite corrupta”. Segundo, uma fundamentação na vontade geral (“*volonté générale*”) do povo. Terceiro, uma ideologia fina, porque esta não tem um arcabouço de crença coerente, mas sim reúne ideologemas contraditórios de maneira eclética. Como Mudde e Kaltwasser não limitam a sua definição ao populismo de direita, o conceito de povo abrange tanto o povo como soberano quanto o povo comum. Além disso, “povo” pode remeter a etnia.

Da mesma maneira, o conceito de elite é diferenciado, sendo esta compreendida tanto por conta de poder (cultural, econômico e social) quanto por conta de critérios étnicos. Por fim, a *volonté générale* é considerada como a vontade geral do povo totalmente no sentido de Jean-Jacques Rousseau.

Com relação ao *populismo de direita*, essa definição generalizada precisa ser diferenciada e completada com relação a vários aspectos (WODAK, 2015a, p.20–22, p.25–33).

Na minha opinião, quatro dimensões são decisivas:

¹⁵ Cf. <http://www.sora.at/themen/wahlverhalten/wahlanalysen/nrw17.html> Acesso em: 11 Dez. 2017.

¹⁶ Cf. sobre isso Betz (2017), Judt (2007), Krastev (2017), Pelinka (2013) e Wodak (2015a, 2016).



- *Nacionalismo/Nativismo/Anti-pluralismo*: partidos populistas de direita se referem a um suposto *ethnos homogêneo*, um *Populum (Gemeinschaft, Volk)*, que define de forma arbitrária – geralmente segundo critérios nativistas (de consanguinidade) – quem são os “verdadeiros” austríacos, alemães, húngaros ou finlandeses. Estes partidos dão valor a um país original (*Heimat, pátria, L.S.*), que tem que supostamente ser protegido de invasores perigosos. Desta maneira, constroem-se cenários de ameaça: a pátria ou “nós” são ameaçados pelos “outros”: estranhos dentro e/ou de fora, imigrantes, refugiados, turcos, judeus, ciganos (*Roma*), banqueiros e assim por diante;
- *Anti-Establishment/Anti-Elitismo*: estes partidos compartilham uma atitude anti-elite e anti-intelectual (*arrogância da ignorância*) juntamente com um forte ceticismo contra o Euro. Além disso, preferem plebiscitos, a busca de uma “democracia de verdade”, onde uma “democracia formalista” é apresentada como antônimo de “democracia formalista”. Na perspectiva destes partidos, a democracia deveria ser reduzida ao princípio de maioria do “povo” (igualmente definido de forma arbitrária);
- *Autoritarismo*: um *salvador*, um *líder carismático*, que troca de papel entre Robin Hood (protetor do Estado do Bem Estar social, apoio ao “homem e à mulher comum”) e o “pai rigoroso”, é adorado (LAKOFF, 2004). Esses líderes carismáticos precisam de um partido organizado hierarquicamente e de *estruturas autoritárias*, para criar a justiça e a ordem e cuidar da segurança;
- *Conservadorismo/Revisionismo histórico*: partidos populistas de direita defendem *valores conservadores, tradicionais* (um papel de gênero tradicional e valores familiares) e se apegam ao *status quo*, quer dizer, são retrógrados. A proteção da pátria condiciona a crença em uma *narrativa comum do passado*, em que “nós” foram heróis ou vítimas dos maus (uma conspiração, dos inimigos da pátria e assim por diante). Com isso, o sofrimento do passado e as derrotas passam por uma mutação e se tornam ou histórias de sucesso do *povo* ou histórias de logro ou traição dos outros. Ajuda social deve valer só para os legítimos/verdadeiros membros da etnia no sentido de um *chauvinismo de bem estar social*.



Embora nem todos os partidos populistas de direita apoiem, essas questões podem ser em grande medida generalizadas em determinadas combinações, como típico das ideologias populistas de direita. Estes partidos fazem campanha continuamente por *mudanças*, para longe de um caminho – presumidamente – altamente perigoso, que leva diretamente a um inferno ilustrado como apocalíptico.

Provocar medo determina, portanto, a campanha de partidos populistas de direita continuamente como uma estratégia política-persuasiva e como padrão de argumentação geral. Responsáveis pela miséria definida em um primeiro momento são determinados arbitrariamente – os *bodes expiatórios* específicos. Assim, às vezes judeus, às vezes muçulmanos, às vezes ciganos e outras minorias são definidos como bodes expiatórios, às vezes capitalistas, socialistas, mulheres que fazem carreira, organizações não governamentais (ONGs), a União Europeia, as Nações Unidas, os Estados Unidos, os comunistas, os partidos no governo, as elites, a mídia e assim por diante. Em um terceiro momento, o *salvador da miséria* surge: o/a presidente do respectivo partido, preparado para “resolver” os problemas, seja fechando as fronteiras, extraditando os denominados imigrantes ilegais, etc. Uma nova narrativa, positiva, que deve despertar esperança, é oferecida, ao contrário do temido apocalipse. Essa nova visão, na maior parte dos casos vendida como uma *mudança* não especificada, é, no entanto, retrógrada, baseada em uma saudade anacrônica, ultrapassada há longo tempo, por uma comunidade patriarcal e etnicamente homogênea.

Ainda há uma outra característica dos partidos populistas de direita que deve ser ressaltada, que é determinada pela *performance* na esfera pública e pela *política midiática*: por meio de provocações contínuas, dirige-se a atenção aos respectivos líderes e a sua agenda política (WODAK, 2016, p.38–40).

De um lado, maneiras ruins (“*bad manners*” MOFFITT, 2017, p.61–63; MONTGOMERY, 2017, p.632; WODAK, 2017, p.559–560), falta de educação consciente, mentiras, insultos, argumentação erítica destrutiva e quebras de tabu intencionais desempenham um papel.

Normas do *politicamente correto* são transgredidas, sem que se desculpem ou se envergonhem (SCHEFF, 2000). Com isso, oferece-se identificação com um comportamento anti-elite. Neste contexto, as condições de “dizibilidade” (*Sagbarkeit*, L.S.) e possibilidades são interessantes, porque elas constituem o que pode ser dito em



um discurso sem que quem fala seja responsabilizado por isso ou “queime a cara” (BETTINGER, 2007, p.77; GOFFMAN, 1967; GRICE, 1975).

Do outro lado, conteúdos de extrema direita, que são considerados ofensivos e proibidos em alguns lugares (como, por exemplo, na Áustria desde 1947¹⁷), são expressos de forma mais ou menos explícita como provocação (ENGEL; WODAK, 2013). A falta de vergonha intencional e a normalização de conteúdos e padrões de comportamento tabuizados criam uma nova *coesão grupal*, afirmo baseada na teoria de Thomas Scheff sobre a relevância de vergonha como um sentimento básico para a identidade de grupos. Com isso, a falta de vergonha intencional consolida a identidade de grupo dos eleitores e das eleitoras de partidos populistas de direita perante as (frequentemente desmoralizadas) elites. Parte das eleitoras e dos eleitores de partidos populistas de direita salientam repetidamente o quanto é importante para eles que tais políticos e políticas finalmente expressem o que eles mesmo sempre pensaram para que eles se sintam levados a sério (WODAK, 2016, p.141).

Neste contexto pode se falar de uma nova “*falta de vergonha*”.

Virada à direita na era da “pós-vergonha”

Posições populistas de direita chegaram no chamado “meio” da sociedade, como descrito acima, por meio da coalizão do governo austríaco. Normalização não funciona a partir de palavras ou metáforas isoladas. Complexos semânticos inteiros, *inclusive a sua referência prática*, se deslocam (LINK, 2013, p.15; grifo nosso). As conotações de conceitos mudam, de positivos para negativos co-significados e vice-versa. Conceitos são redefinidos e recontextualizados. Reivindicações que inicialmente são levantadas por grupos marginalizados podem ser retomadas e implementadas pelos partidos do *mainstream*. Esse é um processo recorrente, que aparece frequentemente em lutas pelo poder de significados hegemônicos. Com isso, normalidades se transformam e são então aceitas (WODAK, 2015b, p.3).

Rheindorf e Wodak (2018) demonstraram a recontextualização e resemiotização de conteúdos programáticos de extrema direita do FPÖ no *mainstream* político austríaco. De um lado, trata-se de uma continuidade explícita (de ideias nazistas), de outro lado de novas formulações codificadas, eufemísticas em diversos

¹⁷

<https://www.rip.bka.gv.at/GeltendeFassung.wxe?Abfrage=Bundesnormen&Gesetzesnummer=10000207>



campos da política, programas de partido oficiais e inoficiais, panfletos, campanhas eleitorais (outdoors, slogans, discursos).

Como estes conteúdos de extrema direita são codificados, eles se tornam aceitáveis para outros grupos de eleitores.

Por meio de uma análise multidimensional é possível descobrir ligações intertextuais entre política partidária e outras áreas sociais, ou seja, evidenciar a adoção de ideologemas de extrema direita por outros partidos políticos. Este processo pode ser bem rastreado por meio de Johann Gudenus, o antes vice-prefeito de Viena (sem pasta) e chefe da bancada do FPÖ no parlamento desde dezembro de 2017 (POLLAK, 2015). Assim afirma Gudenus: “Europa é o berço dos brancos. Nós exigimos uma política coordenada de família e população para toda a Europa segundo o credo de que a Europa ‘é’ ‘branca’”¹⁸. Adversários políticos ele ataca, entre outros recursos, com ajuda de estereótipos antissemitas: “se você misturar vermelho (*cor do partido dos socialdemocratas, L.S.*) e verde, você terá amarelo. Amarelo é a cor de Judas, é a cor da traição”.¹⁹

Ele rejeita o direito de exílio fundamentalmente (“Exílio não é um direito humano”²⁰) e muito mais. Se o FPÖ vencesse as eleições em Viena em 2019, Gudenus, membro da rede duelante Vandalia, poderia se tornar prefeito.

As convicções de Gudenus se assemelham às do panfleto “Por uma Áustria livre” (*Für ein freies Österreich*, 2013), que foi escrito pelo funcionário do partido Michael Howanietz e editado por Norbert Hofer. Este, por sua vez, mostra referências intertextuais com o “Manual de Política Liberal” (*Handbuch freiheitlicher Politik, FPÖ-Bildungsinstitut* 2013), uma diretriz para os funcionários do partido com prefácio de H.C. Strache e Norbert Hofer, o terceiro presidente do Parlamento, que perdeu a luta pela presidência da Áustria para Van der Bellen. O panfleto mencionado acima ressalta a verdadeira “pátria” (*Heimat, L.S.*), que só pode ser encontrada na zona rural, onde há altos índices de nascimento, trabalho manual e “valores atemporais” (HOWANIETZ, 2013, p.77). Neste contexto, o autor ressalta as referências biológicas e espirituais do “povo”: “o chão, de onde vem a nossa água, onde os nossos alimentos

¹⁸ Panfleto do Círculo da Juventude Liberal (“Rings Freiheitlicher Jugend”, Presidente Johann Gudenus).

¹⁹ Johann Gudenus em um evento de campanha em 2011 (“Neue Freie Zeitung”; 27 Out. 2011).

²⁰ Johann Gudenus, Press release 19 Dez. 2014:

www.otp.at/presseaussendung/OTS_20141219_OTSo076. Acesso em: 01 Jul. 2017.



crecem, de onde nós, pelo menos em parte, tiramos nossa energia é o bem mais sagrado da comunidade” (HOWANIETZ, 2013, p.141).

Reminiscências em uma ideologia nativista de “chão e sangue” andam lado a lado: “Estados e povos são na nossa linguagem em grande parte sinônimos. O modelo de nação (do latim *nascere*: nascer, surgir) se baseia na origem da população” (HOWANIETZ, 2013, p.125).

Em uma visão de mundo apocalíptica, imigrantes equivalem a uma ameaça massiva do austríaco autóctone, verdadeiro:

Os imigrantes daqueles países, que começam pontualmente a cair sobre a população residente [...] conhecem a sua força. [...] E também por isso o europeu central, que evita conflitos, mimado, excessivamente velho, cronicamente submerso em milhões de irritações e distraído, está em vias de se tornar uma espécie ameaçada. [...] Pois tanto linguagem e cultura como existência e preservação do austríaco autóctone estão ameaçados permanentemente (HOWANIETZ, 2013, p.19–20).

A integração de mulheres no mercado de trabalho – em si natural – contribui para a “autodestruição“, afirmam (HOWANIETZ, 2013, p.21). Aborto legal é rejeitado (HOWANIETZ, 2013, p.22). Propaga-se uma política de gênero anacrônica, “um conceito evolucionário, que se orienta nas circunstâncias biológicas: a ligação entre mãe e filho, insuperável por qualquer outra emoção, e do instinto protetor da mãe, bem como do pai como provedor e protetor da família” (HOWANIETZ, 2013, p.119).

Os culpados pelo apocalipse iminente seriam os de esquerda, as feministas, as organizações internacionais e a mídia, que são apresentados metaforicamente como instrumento de uma suposta destruição em massa e como transmissores de doenças:

Especialmente o meio de manipulação em massa televisão, a “arma de destruição em massa mais fatal”, está, por esta razão, nas mãos de tubarões ávidos de lucro e não dos soldados do partido que representam os interesses do povo [...] O maior perigo de uma transmissão infecciosa está nas mãos da rota midiática de transmissão. Aqui se reproduz a propaganda da classe dirigente com uma velocidade impressionante e alta efetividade (HOWANIETZ, 2013, p.37).

No final, o panfleto oferece duas alternativas para o futuro: ou o “verdadeiro” austríaco vai ser lentamente extinto, “por nós convidarmos aqueles que querem nos arrancar os pelos para fazer isso de dentro, assim como a larva da vespa devora lentamente as minhocas” (HOWANIETZ, 2013, p.117); ou o desenvolvimento atual poderia resultar em uma guerra civil (HOWANIETZ, 2013, p.121).



Com isso, o medo e a insegurança se intensificam. Em todo caso, “a Europa vai queimar” (HOWANIETZ, 2013, p.113).

Evidentemente uma retórica de extrema direita como esta não é interrogada na esfera pública. Evidentemente, não há uma linha direta ou uma ligação causal entre o “Manual de Política Liberal”, o panfleto “Por uma Áustria livre” e os muitos cartazes, discursos e debates de TV do FPÖ e do novo ÖVP. A recontextualização (e respectiva codificação) acontecem muito mais por meio de redes sociais, jornais sensacionalistas, pesquisas de opinião, escandalizações e provocações isoladas, subseqüentes negações e justificativas e por meio de letra-morta (WODAK, 2016, p.38–40). No palco (WODAK, 2011), pela sua natureza, tais ideologemas são expressos de forma atenuada, embrulhados em um mar de bandeiras e imagens de paisagens, que lembram a estética de (*Leni, L.S.*) *Riefenstahl* (RHEINDORF; WODAK, 2018).

O novo ÖVP assume comprovadamente reivindicações essenciais do FPÖ com relação à política de imigração e exílio e propaga respectivamente uma política de migração altamente restritiva (RHEINDORF; WODAK, 2017), o fechamento de fronteiras (até mesmo para a Itália e o sul do Tirol) e da rota do Mediterrâneo.

Sem vergonha, tanto o FPÖ quanto o novo ÖVP espalham rumores, falácias do espantinho e informações falsas sobre imigrantes e refugiados, que juntos se fundem em um cenário ameaçador único, formado por uma fantasiada “invasão” de “imigrantes ilegais” (ÖTSCH; HORACZEK, 2017).

Mesmo um presidente estadual do ÖVP venerável como Wilfried Haslauer (Salzburgo) assume a agenda do FPÖ, questiona a Convenção de Refugiados de Genebra e afirma: “[...] Exílio é um direito básico, um jogo intelectual teórico, que tem um limite na realidade”²¹.

Para escapar das obrigações da Convenção de Refugiados de Viena e evitar mais uma perda de votos para o FPÖ, políticos e políticas do ÖVP definem perseguidos e fugitivos de guerra como “imigrantes ilegais” no seu programa de governo (RHEINDORF; WODAK, 2018)²².

Com isso, presume-se que estes não são perseguidos e sim impostores – pessoas que afirmam serem perseguidas para entrarem em um país europeu rico, explorar o

²¹ <http://www.salzburg.com/nachrichten/salzburg/politik/sn/artikel/haslauer-stellt-grundrecht-auf-asylinfrage-179009/> Acesso em: 11 Dez. 2023.

²² <https://kurier.at/politik/regierungsprogramm-rigoroese-massnahmen-gegen-asylmisbrauch/302.354.984> Acesso em: 05 Mar. 2018.



estado de bem estar social deste e com isso ameaçar a prosperidade destes países. Tais falácias provocam ressentimento e inveja: por que estrangeiros devem desfrutar de ajuda social, que é tirada dos nacionais? Uma política excludente e xenófoba sustentada pelo outrora partido cristão social ÖVP corresponde a um chauvinismo de bem-estar social e deixa claro a normalização constante para a direita. Não é por acaso que os verdes chamaram o chefe do ÖVP Sebastian Kurz durante a campanha eleitoral de “Strache melhorado”²³.

Referências

BETTINGER, Frank. Diskurse—Konstitutionsbedingung des Sozialen. **Foucaults Machtanalytik und soziale Arbeit: eine kritische Einführung und Bestandsaufnahme**, p. 75-90, 2007.

BETZ, Hans-Georg. The new politics of resentment: radical right-wing populist parties in Western Europe. In: **The Populist Radical Right**. Routledge, p. 338-351, 2017.

BISKAMP, Floris. On every level, by some means. Seven perspectives on and seven strategies against right-wing populism. In: **Beitrag präsentiert bei Symposium: “Contesting Orbanism and Trumpism”**, Malmö. 2017.

BRUBAKER, Rogers. Why populism?. **Theory and society**, v. 46, p. 357-385, 2017.

ENGLE, Jacob; WODAK, Ruth. “Calculated Ambivalence” and Holocaust Denial in Austria. In: WODAK, Ruth; RICHARDSON, John E (Eds.). **Analysing fascist discourse: European fascism in talk and text**. London: Routledge, p. 73-96, 2013.

FPÖ-Bildungsinstitut. **Handbuch freiheitlicher Politik**. Ein Leitfaden für Führungsfunktionäre und Mandatsträger der Freiheitlichen Partei Österreichs, 4. Ed., Viena: Freiheitliche Akademie, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual. Essays in face-to-face behavior**. New Brunswick: Transaction Press, 1967.

GRABBE, Heather; LEHNE, Stefan. Defending EU values in Poland and Hungary. Bruxelas: **Carnegie Europe**, v. 4, 2017.

GRICE, Herbert P. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (Eds.). **Speech acts**. New York: Academic Press, p. 41-58, 1975.

HOWANIETZ, Michael. **Für ein freies Österreich. Souveränität als Zukunftsmodell**. NAbg. Norbert Hofer. Wien: Freiheitlicher Parlamentsclub Howanietz Michael, 2013.

²³ <http://www.oe24.at/oesterreich/politik/wahl2017/Im-Kern-ist-Kurz-ein-Strache/303871667>
Acesso em: 11 Dez. 2023.



- JÄGER, Margarete; JÄGER, Siegfried. **Deutungskämpfe: Theorie und Praxis Kritischer Diskursanalyse**. Springer-Verlag, 2007.
- JANUSCHE, Franz; REISIGL, Martin (Ed.). 2014. Populismus in der digitalen Medienkultur. **Osnabrücker Beiträge zur Sprachtheorie** 86 (Special Issue), 2014.
- JUDT, Tony. **Postwar: A history of Europe since 1945**. Penguin, 2006.
- KRASTEV, Ivan. **Europadämmerung: Ein Essay**. Suhrkamp Verlag, 2017.
- KRASTEVA, Anna. Re/de/constructing far-right youth: Between the lost generation and contestatory citizenship. In: **Understanding the Populist Shift**. Routledge, p. 150-178, 2016.
- KRIESI, Hanspeter; PAPPAS, Takis P. (Ed.). **European populism in the shadow of the great recession**. Colchester: ECPR Presp, 2015.
- LACLAU, Ernesto. **On populist reason**. Verso, 2005.
- LAKOFF, George. **Don't Think of an Elephant! Know Your Values and Frame the Debate**. White River Junction. VT: Chelsea Green Publishing, 2004.
- LINK, Jürgen. **Versuch über den Normalismus: Wie Normalität produziert wird**. Springer-Verlag, 2013.
- MANOSCHEK, Walter. FPÖ, ÖVP, and Austria's Nazi Past. In: **The Haider Phenomenon**. Routledge, 2017. p. 3-16.
- MOFFITT, Benjamin. **The global rise of populism: Performance, political style, and representation**. Stanford University Press, 2016.
- MONTGOMERY, Martin. Post-truth politics? Authenticity, populism and the electoral discourses of Donald Trump. **Journal of Language and Politics**, v. 16, n. 4, p. 619-639, 2017.
- MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A very short introduction**. Oxford University Press, 2017.
- ÖTSCH, Walter; HORACZEK, Nina. **Populismus für Anfänger: Anleitung zur Volksverführung**. Westend Verlag GmbH, 2017.
- PAJNIK, Mojca; SAUER, Birgit (Ed.). **Populism and the web: Communicative practices of parties and movements in Europe**. Routledge, 2017.
- PELINKA, Anton. Right-wing populism: Concept and typology. In: **Right-wing populism in Europe: Politics and discourse**, p. 3-22, 2013.
- PELS, Dick. The new national individualism-populism is here to stay. In: **Populism in Europe**, p. 25-46, 2012.
- PFAHL-TRAUGHBER, Armin. Die Nicht-Erkennung des NSU-Rechtsterrorismus. In: **Jahrbuch Extremismus & Demokratie (E & D)**. Nomos Verlagsgesellschaft mbH & Co. KG, 2015. p. 73-94.



POLLAK, Alexander. **HASSPREDIGER**: Der aufhaltsame Aufstieg des Johann G. epubli, 2015.

PRIESTER, Karin. **Populismus**: historische und aktuelle Erscheinungsformen. Campus Verlag, 2007.

RAUSCHER, Hans. “Stille Machtergreifung” der Burschenschafter, Der Standard. 2017. <https://www.derstandard.at/story/2000063481709/stille-machtergreifung-der-burschenschafter> Acesso em 11. Dez. 2023.

RHEINDORF, Markus. Integration durch Strafe? Die Normalisierung paternalistischer Diskursfiguren zur "Integrationsunwilligkeit". **Zeitschrift für Diskursforschung**, n. 5, v. 2, p. 182–206, 2017.

RHEINDORF, Markus; WODAK, Ruth. Borders, fences, and limits—Protecting Austria from refugees: Metadiscursive negotiation of meaning in the current refugee crisis. **Journal of Immigrant & Refugee Studies**, v. 16, n. 1-2, p. 15-38, 2018.

RHEINDORF, Markus; WODAK, Ruth. ‘Austria First’ revisited: a diachronic cross-sectional analysis of the gender and body politics of the extreme right. **Patterns of prejudice**, v. 53, n. 3, p. 302-320, 2019.

RYDGREN, Jens (Ed.). The Oxford handbook of the radical right. Oxford University Press, 2018.

SCHARSACH, Hans-Henning. **Stille Machtergreifung**: Hofer, Strache und die Burschenschaften. Verlag Kremayr & Scheriau, 2017.

SCHEFF, Thomas J. Shame and the social bond: A sociological theory. **Sociological theory**, v. 18, n. 1, p. 84-99, 2000.

STAVRAKAKIS, Yannis. Discourse theory in populism research: Three challenges and a dilemma. **Journal of Language and Politics**, v. 16, n. 4, p. 523-534, 2017.

VAN DE CLEEN, Benjamin. Populism and nationalism. In: KALTWASSER, Cristóbal R.; TAGGART, Paul (Eds.) **Oxford handbook of populism**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

WODAK, Ruth. **The discourse of politics in action**: Politics as usual. Springer, 2009.

WODAK, Ruth. **The politics of fear**: What right-wing populist discourses mean. London: Sage, 2015a.

WODAK, Ruth. “**Normalisierung nach rechts**”: Politischer Diskurs im Spannungsfeld von Neoliberalismus, Populismus und kritischer Öffentlichkeit. *Linguistik Online*, v. 73, n. 4, p. 27-44, 2015b.

WODAK, Ruth. **Politik mit der Angst**: zur Wirkung rechtspopulistischer Diskurse. Viena: Konturen, 2016.

WODAK, Ruth. The “Establishment”, the “Élites”, and the “People” Who’s who?. **Journal of Language and Politics**, v. 16, n. 4, p. 551-565, 2017.

WODAK, Ruth; PELINKA, Anton (Ed.). **The Haider Phenomenon in Austria**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2002.



WODAK, Ruth; RHEINDORF, Markus. The Austrian Freedom Party. In: WARING, Alan (Eds.) **The new authoritarianism**: a risk analysis of the Alt-right phenomenon. New York: Ibidem, 2018.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.